

REFLEXÕES ACERCA DAS VIVÊNCIAS DE AUTORES DE TENTATIVAS DE FEMINICÍDIOS E AS VIOLÊNCIAS PRATICADAS CONTRA (EX)PARCEIRAS¹

Eixo Temático 33 - Sobre as Múltiplas Violências contra Mulheres e o Femicídio: Políticas Públicas de Prevenção e Enfrentamento

Ana Clara de Arruda Nunes²
Nayra Daniane Mendonça³
Tatiana Machiavelli Carmo Souza⁴

RESUMO

O presente estudo investigou as vivências de autores de tentativas de feminicídios. Foi realizada pesquisa qualitativa, pautada no estudo das subjetividades, com três homens autores de tentativas de feminicídios no estado de Goiás. Os participantes enfatizaram as relações hierárquicas entre os gêneros, naturalizaram as violências em seus relacionamentos, não se reconheceram enquanto produto e produtores dela e amenizaram as práticas de tentativas de feminicídios. Observamos a importância das ações voltadas para os homens autores de violência, refletindo acerca das relações de gênero, desconstruindo práticas e atitudes que são construídas e interpretadas como comum nas relações conjugais, mas que podem acarretar múltiplas violências contra as mulheres e o se ápice, os feminicídios.

Palavras-chave: Homens autores de feminicídios, Tentativas de feminicídios, Violência Doméstica.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei 13.104 (BRASIL, 2015a), os feminicídios são compreendidos como crimes contra a vida das mulheres ocasionados pela condição de gênero feminino da vítima. A literatura aponta que é imprescindível analisar a experiência dos feminicídios considerando suas múltiplas intersecções, bem como, é de suma importância incluir os homens, autores de feminicídio, nessa análise, considerando que são fundamentais para a superação desse grave fenômeno social. Toneli, Beiras e Ried (2017), em estudos realizados no Brasil e em Portugal, ressaltam a importância de analisar a perspectiva dos Homens Autores de

¹ O presente resumo faz parte do projeto de iniciação científica intitulado “Vivências de autores de feminicídios tentados e/ou consumados, sobre a violência praticada contra (ex)parceiras”, financiado pelo CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão- UFCAT, anaclara.arruda.nunes@gmail.com.

³ Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí – UFG, nayradaniane@hotmail.com.

⁴ Professora orientadora: Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Júlio Mesquita-UNESP, tatimachiavelli@yahoo.com.br.

Violência (HAV), suas intencionalidades, motivações, a forma como compreendem e percebem a violência e as relações de gênero. Esses aspectos são vitais para a construção de intervenções que possam resultar em mudanças nas concepções e atitudes desses homens.

Bernardes e Mayorga (2017) ressaltam que as intervenções com os HAV são mister para a prevenção das violências contra mulheres, almejando evitar as reincidências, além de desconstruir concepções culturais, sociais e históricas de inferioridade feminina e dominação masculina. Nessa direção, é necessário compreender as vivências e percepções dos HAV para construção de novos entendimentos e sentidos acerca das relações de gênero, poder, violência, dentre outros. Os autores enfatizam também a relevância de discutir os estereótipos que engendram as concepções acerca dos HAV. Ademais, a Lei 11.340/06 (Lei Maria da Penha) aponta a importância do trabalho multidisciplinar com eles a partir da oferta de orientações, realização de encaminhamentos a setores especializados e das ações de prevenção à violência (BRASIL, 2006).

A literatura sobre os HAV aponta que, geralmente, são ex-parceiros da vítima com as seguintes características: pais, trabalhadores remunerados, brancos, possuem baixa escolaridade e renda familiar em torno de um salário-mínimo (GEDRAT, SILVEIRA, ALMEIDA-NETO, 2020). Welzer-Lang (2001) evidencia que as violências são elementos presentes na construção das masculinidades, tanto na relação dos homens com outros homens quanto nas suas relações com as mulheres. As violências podem engendrar demonstração de poder e dominação. Para Toneli, Beiras e Reid (2017), a construção de novas masculinidades e feminilidades poderia ser caminho para romper com as hierarquias de gênero e a violência contra as mulheres.

Tendo em vista a complexidade que os feminicídios engendram e os múltiplos fatores a eles associados, investigar a perspectiva de HAV a partir de estudos que apreendam suas percepções, histórias, trajetórias e vivências torna-se tarefa necessária ao enfrentamento das violências, especialmente, do feminicídio (VASCONCELOS, CAVALCANTE, 2019). Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar as vivências dos autores de tentativa feminicídios sobre a violência praticada contra (ex)parceiras.

METODOLOGIA

O presente estudo faz parte do projeto de pesquisa integrado “Violência, Gênero e Família: Implicações na Psicologia e Sociedade”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás, sob o parecer de número 5.271.943. Buscando investigar as vivências de autores de tentativas de feminicídios sobre a violência

praticada contra (ex)parceiras, participaram do estudo três (3) homens autores de tentativas de feminicídios. Foi realizada pesquisa qualitativa pautada nos estudos da subjetividade (REY, 2005). Os critérios para participação na pesquisa consistiram em ter idade igual ou superior a 18 anos; identificar-se como homem; estar residente domiciliado no estado de Goiás; ter praticado tentativa de feminicídio contra a (ex)parceira após a implementação da Lei 13.140/2015 - Lei do Feminicídio (BRASIL, 2015a).

A localização dos participantes se deu a partir do contato de uma das pesquisadoras – que atua na rede intersetorial de enfrentamento à violência contra mulheres – com um Juizado de Violência Doméstica e Familiar de um município do interior de Goiás. Por intermédio do referido juizado, foi feito contato com o diretor da unidade prisional da mesma cidade que indicou quatro participantes, contudo, apenas três aceitaram participar do estudo.

O processo de obtenção de dados foi efetivado por meio do uso de entrevistas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, vídeo-gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Ainda, foram realizadas no formato *online*, pela plataforma *Zoom*, a partir de *link* criado pela própria direção da unidade prisional. As entrevistas foram analisadas a partir do Materialismo Histórico-Dialético e das Teorias Feministas e de Gênero.

Todos os procedimentos éticos foram seguidos e os entrevistados consentiram a participação na pesquisa por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram utilizados nomes fictícios a fim de resguardar a identidade e o anonimato dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes eram homens cisgêneros e heterossexuais; dois entrevistados se autoidentificaram como brancos e um participante se denominou pardo. Eram os provedores das suas famílias; dois entrevistados eram religiosos, se denominando como evangélicos. Como a literatura aponta são homens comuns e não “monstros” ou pessoas com patologias, como diversas vezes está presente no discurso popular sobre os homens autores de violência (BRASIL, 2015b). Durante a entrevista permaneceram retraídos e calmos, nenhum deles se considerou culpado ou responsável pelas tentativas de feminicídios, as quais resultaram em suas reclusões.

Questionamos os participantes sobre como suas vivências e a relação com as (ex) parceiras. Os entrevistados enfatizaram que as brigas e discussões eram comuns e esperadas nas relações conjugais, fazendo parte das dinâmicas de um casal. Um participante enfatizou que desconhecia relacionamentos sem brigas verbais e discussões. A violência, de acordo com

Saffioti (1999), envolve uma relação de dominação-exploração a qual engendra relações historicamente constituídas de assimetrias de poder. A literatura aponta como as violências podem ir sendo tecidas no cotidiano das relações, engendrando afetos e dependências. Nessa perspectiva, a violência pode ser entendida como comum, natural e esperada no relacionamento afetivo-sexual.

Os entrevistados não se reconheceram como produto e produtores das violências. De acordo com Garcia e Beiras (2019), os homens autores de violência, ao narrarem suas histórias, tendem a desmistificarem as concepções de que são violentos e agressivos, utilizando premissas reconhecidas e valorizadas na cultura para pautarem seus argumentos. Os participantes, em seus discursos, valorizaram e enaltecem o trabalho remunerado e os cuidados e preocupação com a família, desse modo, podem estar indo em direção aos apontamentos propostos por Garcia e Beiras (2019), negando serem violentos e almejando serem reconhecidos por valores sociais positivos e socialmente enaltecidos.

Outrossim, visando identificar as compreensões dos participantes sobre relações de gênero, os questionamos sobre o que acreditam ser o papel dos homens na sociedade. As respostas foram de encontro com perspectivas hierárquicas sobre o gênero, além de concepções patriarcais sobre as famílias, assim, compreendiam os homens como aqueles que “tem que suprir a casa” e “cuidar da família”.

Os entrevistados, ao relatarem sobre suas vidas e rotinas com suas (ex) companheiras, não enfatizaram momentos afetivos com elas, dando enfoque no trabalho remunerado que eles exerciam. Uma das razões para essa não demonstração de afetos e valorização do trabalho remunerado também pode ser localizada em aspectos da socialização masculina. Os homens, no seu processo de socialização, geralmente, não são ensinados e incentivados a demonstrarem seus sentimentos, principalmente aos que podem estar relacionados a fragilidades. São ensinados a se afastarem do que possa ser considerado feminino e a demonstrarem virilidade e poder (WELZER-LANG, 2001). Desse modo, essas podem constituir uma das razões para que os participantes não elucidassem sobre seus afetos e ressaltassem o trabalho remunerado e o sustento financeiro das famílias, indicando virilidade e poder.

Considerando os inúmeros fatores que perpassam os feminicídios, as vivências e construções sociais e culturais sobre as relações de gênero, é de suma importância que haja políticas públicas e ações que possam ser eficientes no combate à violência contra as mulheres, contribuindo também para que essas não se agravem, acarretando feminicídios. Os feminicídios são graves fenômenos social que necessitam de estudos e ações que abarquem sua

complexidade, envolvendo os múltiplos atores que dele fazem parte, como os homens, as mulheres, as relações sociais e o Estado, atuando em redes para a proteção da vida das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que os entrevistados compreenderam as relações de gênero de modo hierárquico e assimétrico, sendo os homens os responsáveis pela manutenção financeira das famílias e as mulheres pelo seu cuidado doméstico. Os participantes não se reconheceram como autores de violências, entendendo a violência como parte do cotidiano das relações conjugais. Entretanto, as múltiplas violências vivenciadas e naturalizadas nos relacionamento podem contribuir para a ocorrência dos feminicídios.

Reiteramos a importância de trabalhos com os HAV, a necessidade de reflexões acerca das relações de gênero, desconstrução de práticas, pensamentos e atitudes patriarcais, sexistas e misóginas que são construídas e interpretadas como comum no cotidiano. É mister salientar que o reconhecimento de uma ação é necessária para o seu enfrentamento, pois, a partir desse entendimento pode ocorrer modificações no sujeito e, portanto, em suas experiências.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, J. P.; MAYORGA, C. Um Estudo Sobre Intervenções Junto a Homens Autores de Violência Doméstica Contra Mulheres. **REVISTA DE PSICOLOGÍA**. v. 26, n. 1, p 1-15. 2017. Disponível em:

<https://revistapsicologia.uchile.cl/index.php/RDP/article/view/46691/48889>

BRASIL. **Lei 11.340 (Maria da Penha) de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art.226 da Constituição Federal. Brasília: Diário Oficial da União, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em 19 de set. 2021.

BRASIL. **Decreto-lei, nº 13. 104, de 9 de março de 2015**. Brasília-DF, mar. 2015a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em 02 de mar 2021.

BRASIL. **A violência doméstica fatal: o problema do feminicídio íntimo no Brasil**. Brasília: Ministério da Justiça. 2015b.

GARCIA, A. L. C.; BEIRAS, A. A psicologia social no estudo de justificativas e narrativas de homens autores de violência. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, n. 2, p.45-58, 2019.

GEDRAT, D. C.; SILVEIRA, E. F.; ALMEIDA NETO, H. Perfil dos parceiros íntimos de violência doméstica: uma expressão da questão social brasileira. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 138, p. 342-358, 2020. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282020000200342&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 abr. 2021.

REY, Fernando González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomsom, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo Perspec.** São Paulo, v. 13, n. 4, p. 82-91, dez, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009&lng=en&nrm=iso . Acesso em 10 de dez 2021.

TONELI, M. J. F; BEIRAS, A.; RIED, J. Homens autores de violência contra mulheres: políticas públicas, desafios e intervenções possíveis na América Latina e Portugal. **Revista de Ciências HUMANAS**, Florianópolis, v. 51, n. 1, p. 174-193, 2017.

VASCONCELOS, C. S. S.; CAVALCANTE, L. I. C. Caracterização, reincidência e percepção de homens autores de violência contra a mulher sobre grupos reflexivos. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 31, p. 1-15, 2019.

WELZER-LANG. D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 9, n.2. p. 460-482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/> . Acesso 30 de set. 2021.